



AO DOMINGO

Há vida para além do défice?



**Sebastião Feyo
de Azevedo**
Reitor
da Universidade
do Porto

“ Se queremos convergir para os níveis de qualidade que se observam nos países europeus mais desenvolvidos, objetivo que há tantos anos perseguimos sem sucesso, não há vida para além do défice. O défice orçamental é a diferença entre receitas e despesas. Ninguém, Estado, instituições ou pessoas, consegue criar e distribuir riqueza, ou simplesmente viver, com défice continuado. Outra questão é – como controlá-lo? Certamente que aumentando a receita e reduzindo racionalmente a despesa pública. Os impostos são decisivos para a receita, mas o caminho tem de ser o de alargar a base de contribuição, quiçá reduzir impostos, e não o de fugir para a frente com novos impostos na medida da nossa incapacidade em combater a fraude. Sobre a despesa, percebamos que temos de inverter a tendência da dívida bruta das administrações públicas, que, em percentagem do PIB, foi de 59,5% em 1996, cresceu para 96,1% em 2010 e para 129% em 2015. No respeito pelo modelo social europeu, o Governo tem de agir.●●



**Clara
Almeida Santos**
Vice-reitora
da Universidade
de Coimbra

“ A pergunta desta semana parece-me aborrecidamente repetida. Não só pela formulação, que se tem aplicado a diferentes temas mas também, e sobretudo, pela recorrente questão do défice. Não que o dito não seja importante, nas suas causas e nas suas consequências. Mas o tempo agora é de observação do resultado da mudança de receita. Em sentido literal – financeiro – e figurado. Enquanto observamos, podemos ocupar o espírito com outras matérias – aquelas de que são feitos os livros, por exemplo. Dois lançamentos recentes merecem a nossa atenção, para além do défice: “O homem que escrevia azulejos”, de Álvaro Laborinho Lúcio, e “Homens bons”, de Arturo Pérez-Reverte. À vida!●●



**Fernando
Gomes**
Economista

“ É evidente que tem de haver vida para além do défice. Os números agora divulgados parece quererem provar isto mesmo, registando um défice abaixo dos 3% pela primeira vez desde 2008. Por isto, este segundo semestre reveste-se de uma importância inesperada para a estabilidade do Governo. Se for possível fechar o ano com números abaixo destes 2,8% agora registados, a frente de Esquerda parlamentar que apoia o Governo bem pode assumir que, na verdade, há vida para além do défice. Sou dos que pensam que este objetivo vai ser conseguido, com base em alguns indicadores do lado da receita, que revelam uma ligeira retoma da confiança por parte da classe média (esperemos que esta insensatez do novo imposto sobre o património imobiliário não venha inverter a tendência). Se, pelo contrário, o segundo semestre vier a agravar os números do primeiro como a oposição proclama, então o défice vai limitar muito a vida que se pode ter para além dele. Com claras implicações na saúde do acordo parlamentar.●●